



9

Discurso e redes sociais: o caso “Voz da comunidade”

Discourse and social networks: the case “Voz da Comunidade”

Flávia Valério Lopes¹
Wedencley Alves²

RESUMO Na atualidade, a informação tem ganhado novos suportes e modificado a forma como as pessoas produzem e buscam por conteúdo noticioso. As redes sociais introduziram, no atual cenário, novas vozes, que passaram a participar do debate público a partir dos movimentos iniciados nos territórios do ambiente sociotécnico. Por meio dessas ferramentas, sujeitos evidenciam sua função de autoria, sem intermediários, e acabam sendo “convocados” a participar das discussões. Possibilitadas pelo avanço das tecnologias da sociedade em rede, as mídias sociais transformaram-se em um novo espaço público de discussão. Nesse contexto, torna-se oportuno investigar a reconfiguração da relação de interlocução entre imprensa e sociedade, com a chegada desses novos interlocutores. Para isso, será abordada a repercussão do trabalho de um grupo de jovens durante a ocupação invasão da polícia no Complexo do Alemão, no Rio de Janeiro, pelo perfil @vozdacomunidade no Twitter..

PALAVRAS-CHAVE Redes; Twitter; discurso; espaço público.

ABSTRACT Nowadays, information has gained new supports and has changed the way people produce and search for news’ contents. Social networks have introduced in the current scenario new voices that have become involved in the public debate from the movements initiated in the domains of the sociotechnical settings. Through these tools, subjects identify their role of authorship, without intermediaries, and they end up being “summoned” to participate in discussions. Enabled by advancing technologies from the network society, social media have transformed themselves into a new public space for discussion. In this context, it is convenient to investigate the reconfiguration of the interlocution relation between press and society with the arrival of these new interlocutors. For that matter, it will be considered the repercussion of the work of a young people’s group during the police occupation-invasion of Complexo do Alemão in Rio de Janeiro through the profile @vozdacomunidade in Twitter..

KEYWORDS Networks; Twitter, Discourse; Public space.

1 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFJF, linha de pesquisa Estética, Redes e Tecnocultura, e-mail: flaviavlopes@gmail.com

2 Wedencley Alves é professor adjunto da Faculdade de Comunicação Social da UFJF, e colaborador do Programa de Pós Graduação na instituição, e-mail: wedenn@yahoo.com.br



1. Introdução

Em julho de 2011, a revista inglesa *The Economist*³ trouxe em suas páginas uma reportagem especial, apresentando um panorama dos reflexos das redes sociais na indústria midiática. Segundo a publicação, “graças ao crescimento das mídias sociais, as notícias não são mais reunidas exclusivamente por repórteres e transformadas em uma história, mas surgem em um ecossistema no qual jornalistas, fontes, leitores e espectadores trocam informações”⁴.

A mudança que, de acordo com a reportagem, representa uma “renovação dos jornais”, teve início com a popularização dos *blogs* que, indo além da função originária de diários pessoais, começaram a ser utilizados como dispositivos de informação e comunicação pública. No início dos anos 2000, houve uma explosão dos *weblogs*, que ganhou força na rede mundial de computadores após o ataque às torres do *World Trade Center*. Grandes grupos de mídia passaram a abarcar, em seus portais, este formato de publicação, até então visto como uma forma “alternativa” de divulgar informações, contornando a concentração dos grandes conglomerados de comunicação.

A partir daí, com o crescimento das ferramentas de redes sociais, verificou-se o surgimento de uma mídia horizontal, na qual mais pessoas, com acesso a tais *softwares*, (*Twitter*, *Facebook* ou *Wordpress*, por exemplo) tornaram-se produtoras de conteúdo. Tais redes também contribuíram para a consolidação de um novo espaço público de discussão, no qual os usuários têm possibilidade de participação e até mesmo de criação de temas a serem debatidos pela sociedade.

3 <http://econ.st/materiamidiassociais>

4 Thanks to the rise of social media, news is no longer gathered exclusively by reporters and turned into a story but emerges from an ecosystem in which journalists, sources, readers and viewers exchange information.

Ainda de acordo com a análise do *Economist*, “as pessoas comuns estão cada vez mais envolvidas na compilação, compartilhamento, filtragem, discussão e distribuição de notícias”.

Apesar da expansão destas novas possibilidades de publicação, a imprensa manteve-se cautelosa em relação ao conteúdo que não fosse proveniente dos meios tradicionais. Inicialmente, muitas organizações chegavam a ser hostis ao conteúdo que, por meio dessas novas ferramentas, vinha ganhando espaço nas discussões públicas. Alguns temas, mesmo com potencial de impactar a opinião pública, chegavam a ser ignorados pelos noticiários.

Mas, ao longo da primeira década do século, diversos veículos de comunicação jornalística começaram a mudar o seu posicionamento em relação aos conteúdos espontâneos publicados em redes sociais e *blogs*. O caminho para esta melhor aceitação passou, primeiro, pela incorporação dos novos meios a ambientes regulados pelas mídias tradicionais. Por meio da publicação de *blogs* de seus próprios jornalistas, órgãos de imprensa começaram um processo de maior interlocução com a rede, além da função própria desempenhada pelos portais, que era a veiculação de conteúdo pré-determinado. Os *blogs*, por vezes, renomeados como “colunas”, permitiram intervenções de leitores, com comentários e republicações (PALACIOS, 2006).

Um segundo fator que levou os veículos jornalísticos a ampliar seu grau de interlocução com a rede foi a adesão à internet de um amplo universo de profissionais (especialistas em diversas áreas, atuando como “fontes espontâneas”, personagens da indústria cultural, e mesmo jornalistas não atrelados necessariamente aos portais) e instituições (que incorporaram à sua comunicação estratégica a veiculação de conteúdos na internet), fenômeno que não teria como ser ignorado pela imprensa tradicional, ainda que a desconfiança em relação



aos novos conteúdos se mantivesse.

Não são poucos os trabalhos (artigos, pesquisas) que destacaram este aumento significativo do universo de autoria na comunicação, com o advento das redes. Algumas questões, no entanto, restam pendentes. Apontamos aqui três questões que devem ser respondidas em pesquisas de rede. A primeira delas é em que medida há uma reconfiguração na relação de interlocução entre imprensa e sociedade, com a chegada desses novos interlocutores. Esta reconfiguração de interlocução pode ou não indicar mudanças nas relações de poder entre as vozes e atores sociais, o que não significa necessariamente inversão nas relações de dominância.

A segunda questão que trazemos aqui para debate é: quais os efeitos que essas mudanças na relação de interlocução têm sobre a constituição, formulação e circulação de discursos? É sempre bom manter cautela em relação a respostas generalistas. *A priori*, não podemos afirmar sequer se os efeitos, que possivelmente existem, são relevantes para confirmar um “novo mapa” de relações simbólicas entre os atores sociais. A prudência exige uma contínua pesquisa empírica sobre este processo histórico.

Prudência que deve ser preservada na terceira questão a ser discutida nesta observação que fazemos sobre o caso “Voz da Comunidade”: se houver novas relações de poder e novas relações de sentido, de que maneira, a partir de dispositivos analíticos, podemos efetuar a compreensão do próprio processo discursivo, a ser entendido a partir de algumas subquestões de base: a) como estes interlocutores em suas posições discursivas (ORLANDI, 2005), reproduzem ou metaforizam sentidos, b) como atualizam memórias discursivas, com todo o processo de vocalização e silenciamento que esta atualização implica, c) quais as relações imaginárias com o outro, empreendidas por cada

interlocutor, e d) que formações discursivas atravessam os seus ditos e não-ditos.

Inversamente ao modo como foram enunciados os problemas de pesquisa, é a própria compreensão do processo discursivo destas interlocuções (questão de número três) que permitirá responder melhor às duas questões anteriores.

2. Novo conjunto de regras

Antes da abordagem propriamente discursiva, é necessário recuperar algumas considerações que teóricos da rede vêm fazendo acerca deste novo momento da comunicação social. Como característica comum, a certeza de que há uma nova configuração das relações de interlocução, com efeitos sobre as relações de poder e troca de mensagens/informações. Quase todas trabalham a partir de preocupações com a inserção e veiculação de conteúdo, deixando as questões discursivas em aberto. São justamente estas últimas que traremos à discussão, após uma rápida pincelada sobre como alguns autores veem este momento da história das mídias.

A *web* permitiu que novos provedores de notícias (de blogueiros individuais a sites como o *Huffington Post*⁵) registrassem uma rápida ascensão para o primeiro plano. Além disso, a rede tem possibilitado abordagens inteiramente novas para o jornalismo, como a praticada pelos *WikiLeaks*. Uma das consequências desse movimento é o fato de que a agenda de notícias não é mais totalmente controlada pelo que os mais críticos chamam de “barões da imprensa”. A sociedade em geral presencia

5 *The Huffington Post* é um portal de notícias e agregador de blogs americano. Além de colunas de seus editores e comentaristas habituais, traz ainda artigos de variadas personalidades, como Barack Obama, Hillary Clinton, Norman Mailer, Saskia Sassen, John Cusack e Bill Maher. O site publica furos de notícias atuais, fazendo o contraponto liberal às coberturas.



mudanças do padrão baseado em um centro distribuidor de conteúdos. A principal aposta passa a ser, acreditam alguns autores, a de um modelo em que “todos têm a possibilidade de transmitir informações” (modelo todos-todos) (LÉVY, 1999, p.63).

A circulação de conteúdo, conforme Jenkins (2008), dependeria, neste modelo, da participação ativa dos consumidores. Para ele, a convergência representa uma transformação cultural, já que a sociedade é incentivada a procurar novas informações e a fazer novas conexões em meio a conteúdos de mídia dispersos. “Em vez de falar sobre produtores e consumidores de mídia como ocupantes de papéis separados, podemos considerá-los como participantes interagindo de acordo com um novo conjunto de regras”, arrisca Jenkins (2008, p.30).

A fusão entre papéis dos produtores e consumidores de informações também foi destacada por Bruns, que cunhou a expressão “produsuário”, na tentativa de classificar esses novos atores da rede. “Produsuários estão envolvidos em *produsage* – a construção contínua e colaborativa e a ampliação do conteúdo existente na busca de novas melhorias” (BRUNS, 2008, p.21).

Dentro dessa nova realidade, em que todo usuário é um potencial produtor de conteúdo, o pesquisador Chris Anderson, em *A Cauda Longa*, faz um estudo aprofundado dos novos atores que se multiplicam na *web*. Analisando o caso de blogueiros, o autor observa que a maior parte deles escreve sobre as áreas que dominam principalmente devido à sua condição de “participantes e não apenas de observadores e chegam a ter mais acesso às fontes do que os próprios jornalistas” (ANDERSON, 2006, p.183). Ainda conforme o pesquisador, notícias e informações não mais pertenceriam “apenas ao domínio de profissionais” (ANDERSON, 2006, p. 187).

Dentro dessa perspectiva, torna-se oportuno

ainda, mesmo que brevemente, fazer referência ao conceito de midiatização, trabalhado por Verón (2004), Fausto Neto (2006), entre outros. O aumento do volume de dispositivos que permitem às pessoas distribuírem suas mensagens ao público ampliou a possibilidade de participação na mídia a partir da visibilidade gerada por algumas dessas ferramentas. Embora os veículos tradicionais continuem ocupando o principal lugar de visibilidade e produção de sentidos, a midiatização traz uma necessidade de constante reafirmação, a partir de estratégias discursivas.

Segundo Fausto Neto (2006) a atual sociedade sociotécnica é origem e meio de um novo ambiente, no qual se institui “um novo tipo de real, que está diretamente associado a novos mecanismos de produção de sentido, nos quais nada escaparia às suas operações de inteligibilidade” (NETO 2006, p.3).

A multiplicação, nas sociedades humanas, de suportes tecnológicos autônomos de comunicação (autônomos em relação dos atores individuais) que permitem a difusão das mesmas mensagens em toda a sociedade, tornam a sociedade mais complexa do que era quando estes suportes não existiam, ou só de maneira embrionária. Isto pode ser curioso. Pois, quanto mais midiatizada uma sociedade, tanto mais ela se complexifica (VERÓN, 2002).

Como já se antecipou acima, uma característica comum da maioria dos autores que se debruçam sobre as redes é a preocupação com a produção e veiculação de conteúdo. A própria entrada em cena de questões referentes à midiatização da sociedade (em suas diversas instâncias: políticas, educacionais, científicas etc) já serviriam para tornar bem mais complexa a discussão sobre os efeitos deste processo. Mas, em nome da precisão do recorte teórico que nos conduz, daremos lugar



a uma problematização específica: a possibilidade de veiculação, aparentemente não controlada, de múltiplos conteúdos, a partir de novos atores sociais – antes excluídos desta possibilidade pelas mídias tradicionais – implica necessariamente na transformação das relações de poder e sentido, de autoria e leitura? Para além da possibilidade técnica de “subir” conteúdo, são novas posições discursivas (vozes sociais ou formações discursivas) que estão em jogo? Ou haveria uma proeminência do “mesmo” em relação ao que os meios tradicionais estabelecem como uma cartografia dos discursos sociais?

É este problema, materializado nas questões sobre as relações de sentido, poder e processo discursivo, enunciadas na introdução, que nos levou até um caso sintomático: o trabalho de um grupo de jovens durante o cerco e invasão da polícia no Complexo do Alemão, na Zona Norte do Rio de Janeiro, em novembro de 2010.

3. Redes e discursos

Já dentro de abordagens discursivas, temos uma plêiade de autores, vinculados a diversas tendências, que consideram a mídia e a rede dentro de uma perspectiva que põe a linguagem como centro das questões. Dependendo do modo como definem “discurso”, seus estudos apontarão para relações distintas entre linguagem, sujeito e história, e, particularmente, entre estes três objetos de observação e a realidade das mídias.

3.1. Múltiplas abordagens

Principal nome da Análise Semiociológica do Discurso, Patrick Charaudeau afirma que o universo da informação midiática é efetivamente um universo construído.

O acontecimento não é jamais transmitido em seu estado bruto, pois, antes disso, ele

se torna objeto de racionalizações: pelos critérios de seleção dos fatores e dos atores, pela maneira de encerrá-los em categorias de entendimento, pelos modos de visibilidade escolhidos (CHARAUDEAU, 2006, p. 151).

É o que afirma também Lúcia Lemos, quando, recorrendo a autores da análise do discurso e outras teorias da linguagem, acentua que “não há acontecimento sem atos de sujeitos e não há atos fora do acontecimento. O discurso é produto e processo, e a língua é generalização e singularização” (LEMOS, 2008).

Maingueneau (2001), por sua vez, também se debruça sobre o estudo dos novos dispositivos comunicacionais, propondo a existência de uma espacialidade do texto que ultrapassa os padrões conhecidos do escrito e do impresso. Para o linguista, “é possível associar elementos icônicos variados em um paratexto, em enunciados que não são orais, constituindo-se uma realidade que não é puramente verbal (MAINGUENEAU, 2001, p.81), mas “um certo modo de apreensão da linguagem” (idem, 1998, p.43).

O que se pode chamar de discurso, não é nem um complemento da língua nem um simples uso da mesma, mas língua e uso vinculados à interpretação de sujeitos/indivíduos históricos, que produzem efeitos de sentidos ao tomar a palavra, mexendo na memória do dizer instituída - e que é um processo sempre em aberto, em construção, afirma Baccega (1998), que faz dialogar questões discursivas e estudos culturais.

Não se pode negar que a rede tem projetado novos atores no debate público. E tal projeção ocorre por meio da linguagem em uso (o que, para alguns autores, é o mes-mo que dizer “por meio de discursos”), a partir dos enunciados que os indivíduos produzem em situações sociais, nas quais assumem posições de sujeito. Independentemente da escola



ou tendência da teoria discursiva, há uma questão em comum entre todas elas, que é a importância de se considerar as condições de produção em que se dão os discursos, como os meios ou dispositivos comunicacionais em que eles se materializam, circulam, ganham espaço.

Também seguindo a perspectiva da Análise do Discurso Francesa, Dias (2004) afirma que, por meio da rede, novas relações de sentidos são tecidas, sendo necessário investigar como a discursividade se textualiza nessa outra ordem de linguagem, que é a do ciberespaço (DIAS, 2004, p. 12).

Uma nova construção do real passa a ser tecida - construção no sentido de simulação, de interpretação. Uma outra noção de tempo, de sujeito, de identidade, de subjetividade, convive simultaneamente num espaço-tempo virtual (...) originando uma nova concepção de sujeito (DIAS, 2004, p. 18).

Para Alves (2010), a escrita sustenta a condição de modalidade institucional por excelência e do lugar de reconhecimento "dos atestados de autoria". A reflexão sobre novos processos de escrita/leitura inaugurados pelos suportes e canais de comunicação em rede e pelas novas mídias que com eles surgem passa a ser fundamental para a compreensão de como se dão as relações discursivas na contemporaneidade.

3.2. Memória e efeitos de arquivo

E essa relevância atribuída aos "processos de escrita/leitura" em novas mídias guarda um motivo específico e basilar para a discussão da nossa pesquisa atual, sobre o caso Voz da Comunidade:

Numa cultura em que a legitimação institucional se dá através principalmente da documentação escrita, em que a clivagem escolarizado/

não escolarizado passa necessariamente por esta modalidade da língua e em que esta própria clivagem é determinante para a divisão social do trabalho e do pensamento, seja ele operacional, epistêmico ou estético, é evidente que a escrita mantém-se como lugar em que os sujeitos assumem de maneira mais visível a função de autoria, definida discursivamente, como aquela segundo a qual o sujeito, em suas posições discursivo-ideológicas, busca mais plenamente eliminar a heterogeneidade enunciativa, o equívoco e as contradições, dando seu nome em garantia (ALVES, op.cit, 95-96).

Esta "documentação escrita", esta "clivagem" entre pessoas autorizadas e não autorizadas a dizer e esta "divisão social do pensamento" estão diretamente ligadas à constituição e registro da memória, que, antes da rede, eram privilégio das instituições e dos meios de comunicação tradicionais. Ora, o registro da memória aponta para o que deve ser lembrado/esquecido, para o que ganha estatuto de história e de ficção e, principalmente, para os discursos que "mereceram" se estabelecer como verdadeiros. Compreende-se aí o que a Análise do Discurso Francesa chama de "efeito de arquivo" e a rede parece promover a desestabilização dos arquivos tradicionais.

4. O caso "A voz da comunidade"

Liderada pelo estudante Renê Silva, de 17 anos, a equipe do jornal *Voz da Comunidade* ganhou notoriedade na *web* após narrar o que via pelas janelas de suas casas, numa região onde a imprensa



não tinha acesso. Os adolescentes⁶ chegaram inclusive a retificar informações divulgadas incorretamente pelos veículos de comunicação. E alguns órgãos de imprensa parecem ter se rendido a esses atores, dando espaço para novas vozes e outros olhares que, muitas vezes, não chegavam ao debate público por meio dos veículos tradicionais.

O meio pelo qual conseguiram veicular informações independentemente dos veículos jornalísticos, foi o *Twitter*, que merece algumas palavras.

4.1. *Twitter* e redes sociais

Segundo pesquisa *Jornalismo Digital 2011*, realizada pelo instituto *Oriella PR Network* e divulgada em junho de 2011, pela primeira vez, a audiência online no mundo ultrapassou a imprensa escrita e a radiodifusão. No Brasil, os índices equiparam-se. Em 2010, 41,7% diziam que os formatos tradicionais impresso e o *broadcast* geravam maior audiência. Este ano, o percentual caiu para 34,52%, empatando com o formato onli-ne, agora também com 34,52%.

Apesar de não se saber a fórmula para trabalhar com esses novos – ou não tão novos assim – concorrentes, órgãos da mídia de difusão apropriaram-se dos novos formatos em rede, na tentativa de manter seu lugar de dominância como atores privilegiados e legitimados dentro do processo de veiculação de informações.

O crescimento dessa utilização pode ser comprovado pela mesma pesquisa do instituto *Oriella PR Network*. Conforme o levantamento, o

6 Há toda uma discussão sobre a adolescência e a juventude na contemporaneidade, mas não nos cabe entrar nesta discussão. Para algumas referências sobre o assunto, ver o conjunto de trabalhos produzidos pelo grupo EPOS do IMS-UERJ, liderado por Joel Birman, alguns deles disponíveis no site www.eposgsv.org. Ver em especial o artigo *Tatuando o Desamparo, a Juventude na Atualidade* (BIR-MAN, 2006) disponível em <http://www.eposgsv.org/arquivos/tatuando.pdf>

7 <http://bit.ly/jornalismodigital2011>

Twitter serve de fonte para 66,67% dos 84 jornalistas entrevistados no Brasil.

Mesmo diante de seu crescimento no país e adoção por parte dos internautas, torna-se oportuno conceituar o *Twitter*, ferramenta de *microblogging*, com caráter híbrido entre *blog*, rede social e mensageiro instantâneo. Com limite de 140 caracteres por post, seus textos podem ser escritos não apenas pelo site ou por programas específicos adaptados à sua interface. Lançado em 2006, pela empresa *Obvious*, o sistema chama os usuários a se comunicarem com seus seguidores, a partir da pergunta: *O que está acontecendo?*⁸, Sua interface pode ser considerada como uma espécie de “*blog* simplificado”, na medida em que possui os recursos inerentes ao formato *blog*, como publicação de conteúdo em ordem cronológica inversa, interatividade e pessoalidade (RECUERO, 2003).

A escolha do *Twitter* para o desenvolvimento deste estudo deu-se com base na utilização predominantemente informativa por seus usuários. Pesquisa realizada pelas consultorias *In Press* e *E.Life*⁹ aponta que o *Twitter* é a mídia social escolhida por aqueles que querem se atualizar. A maioria dos pesquisados, ou 69,4%, afirmou ter o intuito de se informar na rede e 66,7% apontaram que usam a rede social para divulgar conteúdo próprio.

Embora a ferramenta tenha sido criada para o uso predominantemente pessoal (o que pode ser comprovado pela pergunta inicial que chamava os usuários a postarem: *O que você está fazendo?*), aos poucos novas formas de utilização foram sendo incorporadas. Conforme Primo (2008, p.46), “em pouco tempo, muitos novos usos ultrapassaram a

8 Em seu lançamento, a rede social utilizava o questionamento “O que vocês está fazendo?”. Porém, seu uso no sentido de circulação de informações fez com que a empresa modificasse a pergunta.

9 www.inpresspni.com.br/pesquisa/habitosdeusoecomportamento/habitosdeusoecomportamento.pdf.



proposta inicial do Twitter”. O espaço passou a ser utilizado para a conversação, o compartilhamento de informações e de *links*, e até mesmo para campanhas publicitárias e para o jornalismo (ZAGO, BELOCHIO, 2010, p.414).

4.2. Vozes amplificadas

Entre essas fontes que ganharam destaque nas mídias sociais e foram projetadas para os grandes veículos estão os três moradores do Morro do Adeus, situado no Complexo do Alemão, que desenvolveram um trabalho de informação à comunidade, durante a ocupação da polícia no morro, em novembro de 2010. Tendo à frente o jovem Renê Silva, de 17 anos, além de Igor Santos, 15, e Jackson Alves, 13, o perfil no Twitter do jornal comunitário Voz da Comunidade (@vozdacomunidade) ganhou repercussão na web a partir da narração dos três garotos de alguns dos acontecimentos ocorridos com a chegada da polícia e nos dias seguintes à ocupação. De 180 seguidores que o perfil possuía antes do início da operação, o @vozdacomunidade alcançou mais de 30 mil *followers*, três dias depois. Atualmente, o perfil conta com mais de 55 mil seguidores¹⁰.

A população do Complexo, cariocas em geral e até mesmo celebridades passaram a retuitar os conteúdos publicados pelos estudantes, em um momento em que os veículos tradicionais repassavam informações imprecisas e desencontradas. No auge da crise, a *hashtag* #vozdacomunidade ocupou o *Trending Topics* Brasil¹¹. O perfil ganhou destaque com frases que expressavam o desespero dos moradores do Complexo.

A dificuldade de locomoção das equipes de jornalismo e até mesmo de moradores localizados a poucos metros do tumulto provocado pela invasão

fortaleceu ainda mais a rede, que passou a receber contribuições de outros membros da comunidade. Sem perceber, os estudantes estavam criando o que se tornou um importante exemplo brasileiro da prática do jornalismo hiperlocal no Morro do Alemão.

Os enunciados, produzidos a partir da ferramenta, introduziram no atual cenário sociotécnico novas vozes, que passaram a participar do debate público a partir dos movimentos iniciados nos novos territórios originados no ambiente virtual.

As tecnologias da informação tornaram-se canais mediadores de debates de interesse comum. Com as facilidades proporcionadas pelo desenvolvimento dos *softwares* – que proporcionam publicações cada vez mais ágeis e concisas, como o *Twitter* e o *Facebook* -, observa-se ainda um estímulo a mais na participação dos usuários, mesmo aqueles que não possuem amplo domínio da escrita e que, até então não se arriscavam no universo dos *blogs*.

Tais *softwares* possibilitaram ainda um novo espaço para o imaginário humano, para a troca de experiências, trazendo novas formas de sociabilidade. As redes sociais ampliaram a sensação de “tempo real” com a instituição de novos espaços de fluxos, levando a uma desmaterialização dos espaços de lugar. Na cibercultura, pode-se estar aqui e agir à distância, conforme Lemos (2003).

Neste artigo, analisaremos alguns enunciados, definidos pela abordagem discursiva da teoria francesa como “unidades de discurso”¹², para responder as questões postas mais acima: em que medida há uma reconfiguração na relação de interlocução entre imprensa e sociedade, quais os efeitos que essas reconfigurações na relação de interlocução têm sobre a constituição, formulação

¹⁰ Atualizados em julho de 2010

¹¹ A lista dos assuntos mais comentados no dia.

¹² Metodologicamente, a unidade de discurso selecionada é decisão do analista. Um enunciado pode ser desde uma marca linguística, como um ponto, uma vírgula, uma reticência, até um morfema, uma palavra, um sintagma, ou um trecho textual completo. (cf. ORLANDI, Eni. P. 2005).



e circulação de discursos; e de que maneira, a partir de dispositivos analíticos, podemos efetuar a compreensão do próprio processo discursivo, a ser entendido a partir de algumas subquestões de base: o modo como inter-locutores reproduzem ou metaforizam sentidos, b) como atualizam memórias discursivas e c) quais as relações imaginárias travadas entre os interlocutores e d) que formações discursivas atravessam os seus ditos e os seus não-ditos.

4.2.1. Reprodução e metaforização de sentidos

1. *#Vozdacomunidade sempre noticiando em primeira mão as notícias do Complexo do Alemão*

No enunciado 1, da *Voz da Comunidade*, fica clara a indissociabilidade entre reprodução e metaforização de sentidos, o que também pode ser denominado, na Análise de Discurso Francesa, de relação de paráfrase e polissemia. Assim como não há reprodução sem qualquer deslocamento – a própria repetição de uma frase, na medida em que é repetição, não coincide com o que foi dito anteriormente – da mesma forma não se pode dizer que a metaforização seja um processo sem rastros no já-dito – sob o risco da incompreensibilidade.

No enunciado acima, “noticiar em primeira mão”, remete à memória do dizer do jornalismo *mainstream*. É possível observar que são muitas as formas de se fazer jornalismo, e muitos são os gêneros que esta atividade social mobiliza. Mas, no quadro do jornalismo contemporâneo, a notícia ocupa um lugar privilegiado ante a análise e a opinião, da mesma forma que a “urgência” e o “tempo real”, apelos contemporâneos, constituem-se como pré-construídos do que sejam os atributos próprios da

prática discursiva da imprensa.

Apesar disso, impõe-se um deslocamento que não pode ser ignorado: os autores colocam-se em lugar privilegiado para “noticiar” o que está acontecendo no Alemão, mostrando, embora sem dizê-lo textualmente, que se trata de um lugar não “ocupado” pela mídia. Há uma dupla inscrição desses autores no discurso: como sujeitos de um discurso jornalístico, e sujeitos da comunidade, o que outros não são.

Esta marca é reafirmada diante das relações interlocucionais com seguidores desse perfil, o que, aliás, é fomentado pelos jovens, como nos exemplos à frente:

2. *RT @Rene_Silva_RJ: Parabéns equipe #vozdacomunidade por esta ideia brilhante de mobilizar outras pessoas num só lugar e protestar juntos ...*

em que um dos jovens da equipe parabeniza a todos pela “mobilização” e possibilidade de “protesto”

3. *Quemtivergravadoouacharnainternetvideos de entrevistas sobre o #vozdacomunidade, por favor nos envie! Abraços!*

em que mostra que o grau de visibilidade no Twitter depende diretamente das inserções nas mídias tradicionais. Aliás, é recorrente o desejo sintomático destes jovens de estarem legitimados pelos meios de comunicação, principalmente, os que ocupam relação de dominância no quadro das mídias, como fica claro no enunciado seguinte:

4. *Neste momento toda a imprensa do Brasil e do mundo, encontra-se voltada para o Complexo do Alemão!!! #vozdacomunidade*



4.2.2. Memória, arquivo e vocalização

A rede permite, como já foi acentuado mais acima, novas formas de arquivo, no sentido de registro da memória, mas que não é, necessariamente, uma memória institucionalizada. A questão básica aqui é se estes outros arquivos apontam para uma reafirmação dos arquivos institucionais (como, por exemplo, os dos registros policiais, dos processos judiciais e da imprensa tradicional) ou abre-se para a vocalização de outros discursos, de outros sentidos que, de outra forma, não teriam sua memória materializada.

No auge do acontecimento histórico e midiático-discursivo da invasão do Morro do Alemão, era clara a adesão de boa parte da imprensa aos relatos oficiais da operação policial na comunidade. É a *Voz da Comunidade* que acaba por trazer uma outra realidade, e que chega a despertar alguma repercussão na rede. Vejamos alguns enunciados que trazem à tona alguns abusos de autoridades, acontecimentos silenciados na maior parte da imprensa:

1. *Acabei de confirmar num telefonema que moradores estão sendo espancados, estão quebrando casas #vozdacomunidade*

2. *Segundo informações de moradores estão invadindo casas na rua 2 na alvorada! #vozdacomunidade*

3. *Chegando muitas mensagens de moradores falando que estão sendo espancados no complexo! (enviado por @JJAfroReggae) #Vozdacomunidade*

Curiosa, no entanto, é a advertência da equipe da *Voz da Comunidade*, para que sua atuação não seja confundida com a de “delatores” de práticas

policiais. Seria pura especulação, fazer qualquer afirmação sobre os motivos que levaram os meninos da *Voz* a alertar para o fato de que estavam ali para informar e não para denunciar. Seja por medo, seja por que queriam estabelecer paráfrases com a cobertura dominante, o que importa é que, na própria negação, acabaram reafirmando o risco que a operação também oferecia à comunidade.

4. *Aqui mobilizamos para que a comunidade use o Disque-Denúncia! #Vozdacomunidade*

5. *Quero ressaltar que NÃO FIZEMOS NENHUMA DENÚNCIA sobre agressões no Alemão! #vozdacomunidade*

4.2.3. Relações imaginárias

Mas que relações estes atores sociais mantinham com os seus interlocutores: a própria imprensa, a comunidade interna e os seguidores na rede? Já afirmamos mais acima que a *Voz da Comunidade* vocaliza a importância de serem legitimados pelos grandes meios de comunicação; em alguns momentos, esta relação chega a se dar de modo mais simétrico:

1. *@Flavia_OGlobo Boa noite flavia! #Vozdacomunidade)*

Mas é ao modo de “conquista de espaço na mídia” que a maioria dos enunciados acontecem:

2. *Olhem o @fabioramalho falando agora do #Vozdacomunidade na RECORD!*

As relações imaginárias, porém, deslocam-se quando a equipe da *Voz* assume os lugares



discursivos próprios ao jornalismo, como agentes da informação “em primeira mão”:

3. *20:23 Helicopteros, caveirões, carros da polícia circulam neste momento pelas comunidades do Conjunto de Favelas do Alemão #vozdacomunidade*

4. *Há 10 minutos atras foram ouvidos disparos aqui na comunidade, segundo mo-radores os tiros são da favela da Grota! #vozdacomunidade*

5. *Alunos da rede estadual terão aulas no Alemão na segunda, diz Secretaria #vozdacomunidade*

6. *Reboque do Bope chega ao 16º BPM com motos apreendidas no Ale-mão <http://dlvr.it/9L2fx> (#RJTV) #vozdacomunidade*

7. *15:20 URGENTE!!!! O caveirão acabou de subir na comunidade do Morro do Adeus!!!! #Vozdacomunidade*

8. *Uma casa de traficantes foi encontrada no alto do Complexo do Alemão ! A casa é muito grande e tem até piscina! #vozdacomunidade*

Em alguns momentos, há espaço para um reposicionamento num lugar menos “autorizado” e mais afetivo. É o momento em que a relação imaginária dos meninos como sujeito da comunidade reaparece:

9. *#Retweet! Todos estão sob forte tensão, foram dias difíceis! Torcemos pela Paz e que venham os dias melhores! #PaznoRio#Vozdacomunidade*

Assim, como, da parte dos seguidores, há um evidente discurso de solidariedade, mostrando que o lugar “de jornalistas” pretendido pela equipe nem sempre foi ocupado no imaginário dos que acompanhavam as informações em tempo real:

10. *RT @Motafer: “A paz sem voz , não é paz, é medo”... #vozdacomunidade*

4.2.4. Formações Discursivas

Quais as formações discursivas dominantes nos enunciados recuperados no *Twitter Voz da Comunidade*? Em parte esta questão já fora respondida: a) um discurso de legitimação da grande mídia, mas b) também de deslocamento, quando surge um ou-tro discursivo, o daquele que fala de um lugar que não pode ser dito por esta grande mídia. 3) Há uma forte reafirmação do poder da rede de fazer ver e fazer crer estes novos atores e, por fim, 4) uma relação contraditória com o discurso oficial do Estado, visto que, ao mesmo tempo em que aparenta um entusiasmo pela ocupação, há um espaço, ainda que nem sempre ditos, para a desconfiança em relação à possibilidade de que as ações acabem de certos limites. Estas quatro formações discursivas são materializadas nos enunciados abaixo:

1. *Quem achar o video da matéria da GLOBONEWS em que falou do nosso twit-ter, favor mandar ! #vozdacomunidade*

2. *Nossa equipe está protegido ! Já falei #vozdacomunidade nós não iríamos ficar correndo risco de morte pra noticiar aqui.*

3. *Vamos manter o hastag #vozdacomunidade no TTbr ? Basta colocar #vozdacomunidade quando for perguntar ou responder nosso*



twitter1

4. *São muitos disparos, jornalistas de todas emissoras correm por toda rua procurando abrigo! Se cuide! #vozdacomunidade*

5. Considerações finais

A análise do processo discursivo operada acima aponta para uma reconfiguração das relações de interlocução? E em que medida esta reconfiguração aponta para outra constituição, formulação e constituição de discursos?

Não se pode afirmar, em resposta à questão de número um, que se tem uma re-configuração das relações de interlocução entre a equipe da *Voz da Comunidade* e os meios tradicionais de imprensa: é nela que esta equipe vai buscar a legitimação pública. Mas, em relação à segunda questão, não há dúvida de que a constituição de sentidos, principalmente aqueles silenciados pela cobertura massiva; a formulação, quando reparamos o tom intimista que assumem alguns enunciados desse discurso “jornalístico-comunitário”; e a circulação, quando fica evidente a adesão de milhares de seguidores às mensagens da equipe da *Voz*, não há dúvida, em síntese, de que a constituição, formulação e circulação de sentidos apresentam-se de modo distinto do que estávamos acostumados a ver nas coberturas tradicionais da mídia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Wedencley. “Vocalizações e Gestualizações - Produção de Sentidos na Leitura e na Escrita em Rede”. In PERNISA, Carlos, JR. e ALVES, Wedencley. Comunicação Digital: jornalismo, narrativas, estética. Rio de Janeiro: Mauad, 2010.

ANDERSON, Cris. A cauda longa: Do mercado de massa para o mercado de nicho. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

BACCEGA, Maria Aparecida. Comunicação e linguagem: discursos e ciência. São Paulo: Editora Moderna, 1998.

BAUMAN, Zigmunt. Vida para consumo. A transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

BELOCHIO, Vivian de Carvalho ; ZAGO, Gabriela da Silva . O Pro-Am como estratégia jornalística no Twitter: apontamentos para discussão. Santa Catarina: Estudos em Jornalismo e Mídia (UFSC), p. 413-423, 2010

BIRMAN, J. 2006. Tatuando o desamparo: a juventude na atualidade. In: CARDOSO, M, R. Adolescentes. Rio de Janeiro: Escuta, 2006. p. 25-43.

BRUNS, Axel. Blogs, wikipedia, second life, and beyond: from production to produsage. New York: Lang Publishing, 2008.

CHARADEAU, Patrick. Discurso das Mídias. São Paulo: Contexto, 2006.

DIAS, Cristiane. A discursividade da rede (de sentidos): a sala de bate-papo HIV. Tese de doutoramento. Campinas, SP: IEL, 2004.

FAUSTO NETO, A. Miatização, prática social-prática de sentido. Anais do Seminário sobre midiatização, Rede Prosul, São Leopoldo: UNISINOS, 2005-2006.

HORTA NUNES, José. “Leitura de arquivo: historicidade e compreensão”. In: FERREIRA, M. C. L.; INDURSKY, F. (Orgs). Análise do Discurso no Brasil: mapeando conceitos, con-frontando limites. Porto Alegre: Pontes Editores, 2007.

JENKINS, Henry. Cultura da Convergência. Susana Alexandria (trad.). São Paulo: Aleph, 2008.



JOHNSON, Steven. *Cultura da interface: como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. *Emergência: A dinâmica de rede em formigas, cérebros, cidades e softwares*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

LEMOS, André. *Cibercultura*. Alguns pontos para compreender a nossa época. In: CUNHA, Paulo; LEMOS, André (Org.). *Olhares sobre a Cibercultura*. Porto Alegre: Sulina, 2003. P. 11-23

LEMOS, Lúcia. *O poder do discurso na cultura digital: o caso Twitter*. In: JIED – Jornada Internacional de Estudos do Discurso. Disponível em: < http://www.eca.usp.br/caligrama/n_10/06_lemos.pdf > Acesso em 10 de Jul. 2011.

LÉVY, Pierre. *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. São Paulo: Ed. 34, 1998.

_____. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LOPES, Flávia. *A reconfiguração dos veículos tradicionais de informação frente à popularização das mídias sociais*. In: Intercom Sudeste, 2010. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2010/resumos/R19-0905-1.pdf> > Acesso em 10 de Jul. 2011.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação* (trad. de Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha). 2 ed. São Paulo: Cortez Editora, 2001.

_____. (1984). *Gênese dos discursos* (trad. Sírio Possenti). Curitiba: Criar Edições, 2005.

_____. *Termos-chave da análise do discurso*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1998.

ORLANDI, Eni. P. *Análise do Discurso: Princípios e Procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 2005.

RECUERO, Raquel. *Weblogs, Webrings e Comunidades Virtuais*. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/recuero-raquel-weblogs-webrings-comunidades-virtuais.pdf>> Acesso em 1º de Jul. 2011.

PALACIOS, Marcos. *Blogosfera e jornalismo online no Brasil ou porque Noblat, Josias e Cia não fazem Blogs*. LUPA, FACOM/UFBA. Salvador (2006).

Disponível em: <http://docs.google.com/View?docid=adf4grpvm38_28gc7rm9>. Acesso em 12 de Jun. 2011.

PRIMO, Alex. *A cobertura e o debate público sobre os casos Madeleine e Isabella: encadeamento midiático de blogs, Twitter e mídia massiva*. Galáxia, v. 16 (no prelo), 2008.

VERÓN, Eliséo. *Esquema para el analisis de la mediatización*. Diálogos de la Comunicación, Lima, n. 48, out. 1997.

Discurso e redes sociais: o caso “Voz da comunidade”
Flávia Valério Lopes
Wedencley Alves

Data do Envio: 28 de agosto de 2011.
Data do aceite: 08 de novembro de 2011.

